



## Anais do Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais

28º Congresso · 2025

# A potência orgástica como pulsão negentrópica

Visões do vínculo contemporâneo

### *Orgastic potency as a negentropic pulsation*

**Frederico Feroni (1)**

(1) IBAR · Cunha-SP · Brasil

---

## Resumo

A potência orgástica, conceito desenvolvido por Wilhelm Reich e atualizado por Genovino Ferri como pulsação negentrópica, refere-se à capacidade de entrega ao prazer e ao afeto de forma espontânea, energética e vital. Esta entrega envolve ciclos de tensão, excitação, descarga e relaxamento, permitindo a autorregulação do organismo e uma vivência plena da vida. No cenário contemporâneo, caracterizado por hiperprodutividade, relações líquidas e repressão emocional, resgatar essa potência significa reconectar-se com o corpo, com o outro e com o cosmos. Este trabalho articula teoria e prática clínica para refletir sobre os caminhos de reconexão pela via da potência orgástica.

**Palavras-chave:** Potência orgástica; Pulsação negentrópica; Reich; Ferri; Terapia corporal.

## Abstract

Orgastic potency, a concept developed by Wilhelm Reich and updated by Genovino Ferri as negentropic pulsation, refers to the capacity to surrender to pleasure and affection in a spontaneous, energetic, and vital manner. This process involves cycles of tension, excitation, discharge, and relaxation, allowing the organism's self-regulation and a fuller experience of life. In the contemporary context, characterized by hyperproductivity, liquid relationships, and emotional repression, recovering this potency means reconnecting with the body, with others, and with the cosmos. This work articulates theory and clinical practice to reflect upon paths of reconnection through orgastic potency.

**Keywords:** Orgastic potency; Negentropic pulsation; Reich; Ferri; Body psychotherapy.

## Introdução

Este trabalho tem por objetivo explorar e integrar o conceito de Potência Orgástica - tal como proposto por Wilhelm Reich e atualizado por Genovino Ferri com a noção de pulsação negentrópica - às práticas contemporâneas de cuidado terapêutico. Considerando-se o cenário atual marcado pela superficialidade das relações, pelo cansaço

crônico e pela fragmentação do sujeito, propõe-se uma escuta ampliada que considere tanto as repressões e patologias quanto as potências e pulsações já presentes no corpo do paciente. A investigação se estrutura em torno da teoria reichiana, de sua atualização por Ferri, da crítica à sociedade contemporânea (Bauman, Han) e do conceito de estado poético de Edgar Morin. Além disso, propõe-se uma ampliação prática e clínica a partir do material oral transcrito, que contribui com uma abordagem sensível e experiencial.

“A vida é feita de poesia e de prosa. A poesia nos leva além do utilitário, para a beleza, a emoção, o mistério.” (Edgar Morin, 1997)

## A teoria de Wilhelm Reich

Wilhelm Reich (1897–1957) foi um psicanalista austríaco que ampliou a compreensão da psicanálise ao incorporar o corpo como campo de expressão das neuroses. Em sua obra seminal “A Função do Orgasmo” (1927), ele propõe que a entrega para um orgasmo pleno é um critério de

saúde emocional e seu funcionamento é um fractal do “como” o sujeito experiencia a vida, através das relações. Essa entrega, quando comprometida por couraças musculares e psíquicas, gera bloqueios do fluxo da energia vital que se traduzem em sintomas psíquicos e somáticos.

“A capacidade de experimentar um orgasmo pleno é o critério de saúde emocional. Ela expressa a entrega à vida.” (Reich, A Função do Orgasmo, 1927)

Reich denominou essa energia de orgone, e compreendeu que seu livre fluxo era essencial para a autorregulação do sistema vegetativo e psíquico. A potência orgástica, nesse contexto, é a capacidade de vivenciar plenamente esse ciclo de tensão, carga, descarga e relaxamento.

“A vivência orgástica plena se dá quando o organismo é capaz de atravessar os quatro tempos: tensão, carga, descarga e relaxamento. Qualquer bloqueio nesse ciclo levará à estagnação da energia vital.” (Reich, A Função do Orgasmo, 2001, p. 65)

A repressão da sexualidade, da criatividade, da espontaneidade e do afeto contribui para o desenvolvimento de patologias físicas e emocionais. Reich compreendeu que essas repressões não são apenas individuais, mas estruturais, moldadas por uma sociedade patriarcal, autoritária e moralista. Ele identificou que essas repressões geram um encorajamento crônico do corpo — um conjunto de tensões musculares fixas que cristalizam padrões defensivos. Assim, o corpo passa a funcionar em um estado de

contenção crônica da energia vital.

A função do orgasmo é, portanto, biológica, energética e política. A sua ausência ou limitação não apenas prejudica a sexualidade, mas compromete a vitalidade como um todo, impedindo que o sujeito entre em ressonância com sua natureza profunda. A liberdade orgástica é entendida como expressão da saúde plena, sendo, assim, uma via de acesso ao equilíbrio emocional e à realização existencial. Essa visão será ampliada por Genovino Ferri, ao compreender que essa pulsação vital não se restringe à vivência sexual, mas à forma como o corpo e a psique se movimentam em todos os domínios da vida.

## **A atualização de Genovino Ferri**

Genovino Ferri, médico e psicoterapeuta italiano, expande as ideias de Reich ao introduzir o conceito de “pulsação neguentrópica”. Como Reich postulou, também para Ferri o corpo humano possui sete níveis segmentares — olhos/nariz/ouvido, boca, pescoço, tórax, diafragma, abdômen, pélvis/pernas — que funcionam como estações de registro e expressão energética, emocionais e relacionais. Esses níveis são atravessados por uma pulsação vital, que, quando fluente, manifesta-se como criatividade, prazer, entrega e saúde.

“A pulsação neguentrópica é o movimento de retorno à vida, ao vínculo e à integração do corpo com o cosmos.” (Ferri, *Il Corpo e l’Anima*, 2020)

A pulsação neguentrópica, segundo Ferri, é o movimento ascendente da vida, que busca autorregulação e integração. Ele propõe que, assim como existe um tempo externo (cronológico, linear e entrópico), também há um tempo interno, marcado pelo ritmo da emoção, do vínculo e da presença. Essa perspectiva bottom-up complementa a lógica top-down da evolução biológica e psíquica através das fases de desenvolvimento. O corpo, quando respeitado em sua escuta e em sua poética, pode reativar e flexibilizar essas pulsações que foram bloqueadas pelas experiências traumáticas, pela repressão afetiva e pelas exigências culturais.

Ferri também descreve os traços de caráter que se formam no percurso do desenvolvimento humano, desde o intrauterino até o genital. Cada traço expressa uma adaptação emocional e energética a vivências significativas. Os traços são: intrauterino (associado à segurança existencial), oral (nutrição afetiva), reprimido muscular (controle e rigidez), fálico (afirmação e performance), histérico (sedução e instabilidade) e genital

(integração e entrega). A compreensão desses traços auxilia na leitura corporal e no manejo clínico dos bloqueios energéticos.

Integrando essa visão ao campo terapêutico, propõe-se que o terapeuta atue não apenas investigando resistências, frustrando as projeções e analisando o caráter, mas também escutando com atenção os segmentos onde ainda há pulsação, entrega e vitalidade no sentido de convidar o paciente à valorização do que pulsa — do que já está vivo no paciente — como estratégia de direcionar a energia liberada nos núcleos recalçados para incrementar as áreas da vida onde verifica-se pulsação e potência. Incluir a perspectiva de partir do que pulsa para se mobilizar o que está retraído. Essa abordagem sugere que a clínica não se limita à “correção do que está falho”, mas expande-se para nutrir o que está emergindo com força e autenticidade.

## **A sociedade contemporânea e seus desafios**

A sociedade contemporânea está marcada por um excesso de estímulos, racionalidade, produtividade e conexões superficiais. Vivemos em uma era em que a informação é abundante, mas a escuta e o vínculo profundo são escassos. Byung-Chul Han, em “Sociedade do Cansaço”, descreve uma civilização que deixou de ser repressora para tornar-se exploradora da própria liberdade. Nesse contexto, o sujeito se torna seu próprio algoz, buscando incessantemente desempenho e positividade, até o esgotamento.

Zygmunt Bauman, em “Modernidade Líquida”, alerta para a fragilidade dos vínculos humanos: relações descartáveis, amor utilitário e ausência de compromisso marcam as formas de estar junto. O medo da frustração impede o investimento afetivo e esvazia a experiência relacional. Essa condição se traduz em uma cultura emocional de inibição, vigilância e instabilidade.

“As relações são como bens de consumo: adquiridas com entusiasmo, descartadas com facilidade.” (Bauman, Amores Líquidos, 2003)

No campo dos vínculos corporais, há um fenômeno de virtualização crescente. As trocas físicas e sensoriais dão lugar à mediação por imagens, telas e avatares. A idealização de corpos e relações nas redes sociais cria um abismo entre o corpo vivido e o corpo representado, enfraquecendo a capacidade de presença e de contato genuíno.

Reich já antecipava esse movimento ao identificar o encorajamento como resposta defensiva crônica da sociedade à dor emocional. A couraça, muscular e psíquica, congela a pulsação, cristaliza padrões, impede a entrega ao prazer e à espontaneidade. Morin

nomeia essa condição de estado prosaico — a vivência funcional, repetitiva, utilitária. Em contraste, propõe o estado poético: experiências de encantamento, entrega, transcendência, ritualização e presença.

Como nos propõe Ailton Krenak, é preciso “adiar o fim do mundo” resgatando o encantamento da vida cotidiana e a conexão com a terra, com os ciclos naturais e com os afetos que nos sustentam. O reencantamento, nesse sentido, é uma convocação ética e poética à escuta dos saberes ancestrais, à desaceleração e à reverência diante do mistério da existência. (KRENAK, 2019)

Esses autores convergem ao apontar que a alienação moderna é um sintoma da perda do corpo, da sensibilidade e do vínculo. A pulsação neguentrópica torna-se, assim, um movimento de resistência e reconexão. Ela desafia o imperativo da performance e da contenção ao propor a restauração do fluxo, da emoção e da presença como bases de uma nova ética relacional.

## **A potência orgástica como caminho para a reconexão**

A potência orgástica, ao ser compreendida não apenas como função sexual, mas como expressão geral da vitalidade, convida-nos a pensar o processo terapêutico como caminho de reconexão. Reich propôs que o “como” do orgasmo é um índice de saúde emocional porque expressa a capacidade de entrega, de pulsação energética fluente e de relaxamento. Ampliamos essa noção ao sugerir que essa potência pode se manifestar em todas as áreas da vida — nas relações, no trabalho, na arte, na espiritualidade, no cuidado.

Em *A Superposição Cósmica*, Reich aprofunda essa visão ao afirmar que o organismo pulsa em busca de uma fusão com o cosmos — um movimento natural de expansão da consciência e da energia vital em direção ao outro, ao universo, ao todo. Tal impulso revela uma dimensão cósmica da potência orgástica, que ultrapassa o indivíduo e o conecta a uma matriz viva universal. (REICH, 1948)

A clínica, nesse sentido, passa a ser o lugar onde se pode identificar, nutrir e expandir as zonas vivas do ser. Em vez de centrar exclusivamente a atenção nas resistências e nos sintomas, propõe-se também investigar onde há pulsação, onde há espontaneidade, onde ainda é possível gozar e criar. Esses pontos são chamados de fractais de potência — áreas em que, apesar do trauma ou da couraça, a energia ainda circula. A partir deles, torna-se possível incrementar o fluxo energético em outras áreas mais bloqueadas.

Essa escuta clínica orientada pela pulsação neguentrópica exige do terapeuta a sensibilidade para reconhecer movimentos sutis do corpo, gestos espontâneos, suspensões de tempo, frases soltas e emoção que revelam onde a vida pulsa. Muitas vezes, não é pelo enfrentamento direto da resistência que se alcança a cura, mas pelo investimento intencional naquilo que pulsa com verdade. É preciso instilar estados que convidem o sujeito a se entregar, a sentir, a respirar e a confiar no vínculo, criando novos fractais que possam ser experimentados e sustentados.

Esse modelo propõe uma clínica que restaura a confiança na energia vital do corpo, na capacidade do organismo de se autorregular e de criar sentidos a partir da experiência. A potência orgástica torna-se, assim, mais do que um conceito técnico: ela é um princípio ético e terapêutico que sustenta o projeto de reconexão com a vida, com os outros e consigo mesmo.

“Onde não há fluxo de energia, há estagnação, dor e neurose. Onde há entrega, há cura.”  
(Reich, A Função do Orgasmo, 1927)

## **Setting orgástico e estado poético**

A proposta de um cenário orgástico no setting terapêutico está ligada à ideia de que a terapia não deve se limitar à decodificação de sintomas, mas pode ser também um espaço de encantamento, expansão e criatividade. Edgar Morin fala da necessidade de se restaurar o estado poético da existência — momentos de beleza, presença e transcendência que suspendem o tempo ordinário e ativam uma dimensão profunda do ser.

Esse estado poético é pulsante, é afetivo, é criativo. Ele não é incompatível com a técnica analítica, mas é a alma da técnica quando esta está a serviço da vida. O terapeuta, então, deve atuar como alguém que escuta o corpo e a alma do paciente, que acolhe não apenas o sofrimento, mas também a potência. Deve estar atento aos gestos espontâneos, às emoções súbitas, aos estados de presença que revelam a organicidade do encontro.

O setting orgástico, nesse contexto, é aquele onde se valida e se estimula o investimento energético nos segmentos onde há mais vida. Não se trata apenas de remover couraças, mas de instigar aquilo que pulsa apesar das couraças. É uma clínica que aposta na força criadora do desejo, na capacidade do corpo de se reorganizar a partir de experiências afetivas intensas e no potencial do vínculo como campo de regeneração. O setting deve ser um campo de vida, não de contenção. Um campo onde o corpo possa viver.

Para isso, é necessário romper com a lógica do controle e da neutralidade técnica que ainda marca parte da prática clínica. O terapeuta deve habitar sua própria sensibilidade, estar em contato com seu corpo e permitir-se afetar-se pela relação. Essa afetabilidade não compromete a ética do cuidado — ela a fortalece, pois permite um manejo mais preciso, mais humano e mais presente da energia que circula no encontro. Assim como se verificou a importância da transferência do paciente, verifica-se também a importância da contratransferência do terapeuta para a vivacidade e potência da clínica.

O cenário orgástico é, portanto, o espaço terapêutico em que se celebra a vida em sua inteireza. Um espaço onde a poesia do corpo pode emergir e onde a escuta profunda é capaz de devolver ao paciente não apenas o sentido da dor, mas também o sentido da beleza de existir.

## **Transferência, contratransferência e a gestão energética na terapia**

A relação terapêutica é o campo onde se manifesta, com intensidade e complexidade, a energia viva da transferência. A transferência é um fenômeno fundamental no campo da psicoterapia. Sigmund Freud descreveu a transferência como o processo pelo qual o paciente transfere ao analista sentimentos, expectativas e desejos inconscientes originalmente vivenciados com figuras parentais na infância. Para Freud, “a transferência cria uma situação totalmente nova, que, no entanto, tem a aparência de ser uma repetição de uma velha” (FREUD, 1912/1996, p. 109). Essa repetição, embora deslocada, carrega forte carga afetiva e energética, constituindo um campo relacional denso que pode tanto fortalecer o vínculo terapêutico quanto instaurar resistências. A transferência é também, à luz da abordagem reichiana e de sua atualização clínica, um espelhamento energético e afetivo profundo. Ela não é apenas resíduo de passado, mas material vivo de presente — expressão direta dos núcleos emocionais ainda não integrados do sujeito.

A contratransferência, nesse cenário, é a resposta do terapeuta ao campo transferencial. Inicialmente considerada um obstáculo por Freud, ela foi posteriormente reconhecida como material legítimo e necessário para o trabalho analítico, desde que o terapeuta tenha consciência dos seus próprios afetos. Para Reich e, mais recentemente, Genovino Ferri, a contratransferência é também um campo de escuta energética: o terapeuta não apenas analisa a transferência, mas a sente no corpo, em cada nível corporal. A escuta, então, torna-se encarnada. Ferri propõe que o terapeuta esteja atento à sua própria pulsação neguentrópica diante do campo transferencial, reconhecendo onde sua energia é

convocada, tensionada ou bloqueada na relação com o paciente. Ele chamou isso de contratransferência de traço e contratransferência de nível corporal.

“A escuta da contratransferência deve ser feita nos segmentos corporais. O corpo do terapeuta também escuta.” (Ferri, *Il Corpo e l’Anima*, 2020)

A contratransferência, nesse mesmo registro, deixa de ser vista apenas como obstáculo e passa a ser compreendida como dado clínico pulsante. Quando o terapeuta está em contato com seu corpo e sua afetividade, pode escutar o que o outro desperta em si como material de investigação e conexão. Essa escuta exige discernimento, mas também entrega. É fundamental que o terapeuta aceite sentir-se tocado, movido e até mesmo desorganizado em certos momentos — desde que possa, a partir disso, elaborar e transformar essa energia em ferramenta terapêutica, porque a frustração transferencial libera muita energia.

Reich (1942) postulou que o afeto reprimido, especialmente o desejo não reconhecido, gera um bloqueio de energia que se manifesta corporalmente em forma de couraças. Quando essas expectativas não são correspondidas no setting, isso ativa a dor original, mas também mobiliza a energia bloqueada, tornando possível sua liberação e reinvestimento em experiências mais saudáveis e presentes. Ferri (2020) reforça esse ponto ao dizer que é justamente no ponto de colapso do fluxo energético — onde houve trauma ou negação de uma necessidade legítima — que a frustração consciente pode ser canalizada como movimento de reintegração.

Assim, o manejo terapêutico exige sensibilidade para sustentar a frustração como potência. Ao invés de eliminar a dor, a função do analista é criar um campo seguro onde ela possa ser vivida, compreendida e ressignificada, e a energia redirecionada. Dessa forma, a frustração torna-se portal para a restauração da pulsação neguentrópica — uma reorganização afetiva e energética do sujeito, conectando-o novamente com sua capacidade de amar, desejar e agir no mundo de forma criativa. E o setting terapêutico torna-se, assim, um campo relacional onde novas formas de vínculo podem ser experimentadas e incorporadas com potência e verdade.

## **Conclusão**

Ao longo deste trabalho, explorou-se a potência orgástica como um conceito-chave na clínica reichiana e em sua atualização contemporânea por Genovino Ferri. A partir da leitura de Reich, compreende-se que a saúde emocional não se resume à ausência de

sintomas, mas se expressa na capacidade de pulsar — de viver plenamente os ciclos de tensão, entrega, descarga e relaxamento.

“A ética da vida está no cuidado com o que pulsa.” (Morin, Amor, Poesia, Sabedoria, 1997)

A atualização feita por Ferri amplia essa compreensão, ao integrar a noção de pulsação neguentrópica em cada nível corporal, relacionando-a ao tempo interno, às emoções, ao vínculo e ao sentido existencial. Essa perspectiva valoriza a escuta do corpo como território de memória, expressão e transformação.

Num mundo marcado pelo cansaço, pela virtualização das relações e pela exigência de desempenho contínuo, a proposta clínica aqui delineada oferece um contraponto vital. Ela sugere uma escuta que acolhe não só a dor e o sintoma, mas também a pulsação já presente — os estados poéticos que resistem à entropia cultural e existencial. O ambiente terapêutico se torna, assim, um espaço de resgate da organicidade e da beleza da vida.

A transferência e a contratransferência são compreendidas não apenas como mecanismos psíquicos, mas como manifestações energéticas do vínculo. Quando manejadas com presença, ética e autenticidade, tornam-se instrumentos de transformação profunda. A clínica se humaniza, torna-se coabitada e coafetada.

Potência orgástica, pulsação neguentrópica, estado poético e gestão energética são, neste trabalho, expressões de um mesmo princípio: o da vida que busca se reorganizar, se expandir e se relacionar com mais verdade. Conclui-se que todo processo terapêutico que deseje ser vivo, sensível e transformador deve levar em consideração não apenas o que falta, mas sobretudo o que pulsa. E é nessa pulsação que habita o caminho possível para o cuidado, para a presença e para a reconexão consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

“É preciso instilar constantemente estados poéticos na vida. Lembrando que a vida é tecida de prosa e poesia”. Edgar Morin

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. Amores Líquidos: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERRI, Genovino. Il Corpo e l’Anima: Il principio pulsante nella psicoterapia. Roma: Edizioni Mediterranee, 2020.

FREUD, Sigmund. A Dinâmica da Transferência (1912). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Nova Conferência Introdutória sobre Psicanálise (1933). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORIN, Edgar. Amor, Poesia, Sabedoria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

REICH, Wilhelm. A Função do Orgasmo. São Paulo: Editora Pensamento, 2001.

REICH, Wilhelm. Análise do Caráter. São Paulo: Summus Editorial, 1977.

REICH, Wilhelm. A Superposição Cósmica. São Paulo: Editora Pensamento, 2002.

## **Credenciais dos autores**

### **Frederico Foroni**

Terapeuta corporal com mais de 20 anos de experiência, especializado em abordagens integrativas. Possui formação diversificada, destacando-se as formações em Análise Reichiana Contemporânea pelo IBAR, Bacharelado em Direção Teatral pela Faculdade de Artes Cênicas da USP, Terapia Centrada no Ser pela Escola DEP-SP, Master Practitioner em PNL pela Iluminatta, Terapia Corporal Romanowski e os estudos em Meditações Ativas do Osho e Kriya Yoga. E-mail: fredericoforoni@gmail.com

---

---

## **Como citar este trabalho**

FORONI, Frederico. A potência orgástica como pulsão neguentrópica. In: Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais, 28, 2025. Curitiba: Centro Reichiano. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/anais/a-potencia-orgastica-como-pulsao-neguentropica/>. Acesso em: 05/06/2026.